Capítulo XXX — Vantagens da biblioteca

> **Sumário.** Vantagens particulares desta biblioteca.

Fazendo voltar lógica, gradual e completamente o cristianismo à educação, fazemos voltar aos espíritos o gosto do belo; pois, comprazemo-nos em repeti-lo, o belo é o esplendor do verdadeiro. Esse fim, tão desejável hoje, é atingido de maneira tanto mais certa quanto todos os nossos clássicos estão, do ponto de vista puramente literário, acima de qualquer comparação. Permita-se-nos insistir neste ponto importante. A influência do paganismo foi tal que grande número de pessoas perderam o gosto do belo em matéria de literatura cristã, mais ainda do que em matéria de pintura e de arquitetura.

Ora, repetimo-lo, a Escritura Sagrada, as Atas dos mártires e as obras dos Padres: tais são os modelos que propomos à juventude.

A Escritura. Se a superioridade do estilo dos livros santos sobre tudo o que temos de mais perfeito nos melhores escritores de todos os tempos pudesse ser duvidosa aos olhos de algumas pessoas, ou prevenidas, ou superficiais, ou indiferentes, pedimos-lhes que meditem a seguinte passagem de um autor acima de suspeita. Eis a comparação que Sterne estabelece entre a eloquência profana e a eloquência sagrada:

> *Há, diz o célebre autor inglês, duas espécies de eloquência; uma mal merece o nome. Consiste num número fixo de períodos arranjados e compassados, e de figuras artificiais, abrilhantadas por palavras presunçosas. Essa eloquência ofusca, mas pouco esclarece o entendimento. Admirada, afetada pelos semidoutos, cujo juízo é tão falso quanto o gosto é viciado, é inteiramente alheia aos escritores sagrados. Se sempre foi considerada inferior aos grandes homens de todos os séculos, quanto mais não deve ter parecido indigna desses escritores que o Espírito da eterna sabedoria animava nas suas vigílias e que deviam atingir essa força, essa majestade, essa simplicidade a que o homem sozinho jamais chegou!*

>

> *A outra espécie de eloquência é inteiramente oposta à que acabo de censurar, e caracteriza verdadeiramente as santas Escrituras. A sua excelência não deriva de uma elocução trabalhada e trazida de longe, mas de uma mistura surpreendente de simplicidade e majestade: duplo caráter tão dificilmente reunido que se o acha muito raramente nas composições puramente humanas. As páginas santas não estão carregadas de ornatos supérfluos e afetados. O Ser infinito, tendo-se dignado condescender em falar a nossa linguagem para trazer-nos a luz da revelação, comprouve-se em dotá-la desses torneios naturais e graciosos que deviam penetrar as nossas almas.*

> *Observai que os maiores escritores da antiguidade, gregos ou latinos, perdem infinitamente das graças do seu estilo quando são traduzidos literalmente para as nossas línguas modernas. A famosa aparição de Júpiter, no primeiro livro de Homero, a sua pomposa descrição de uma tempestade, o seu Netuno abalando a terra e entreabrindo-a até o centro, a beleza dos cabelos da sua Palas; todas essas passagens, numa palavra, admiradas de século em século, murcham e desaparecem quase inteiramente nas versões latinas. Leiam-se as traduções de Sófocles, de Teócrito, de Píndaro mesmo: achar-se-á nelas outra coisa que alguns leves vestígios das graças que nos encantaram nos originais? Concluamos que a pompa da expressão, a suavidade dos números e a frase musical constituem a maior parte das belezas dos nossos autores clássicos, ao passo que as das nossas Escrituras consistem antes na grandeza das próprias coisas do que na das palavras. As ideias ali são de tal modo elevadas por natureza que devem parecer necessariamente sublimes no seu modesto arranjo: brilham através das mais fracas e mais literais versões da Bíblia.*

Que eloquência mais digna dos espíritos sérios e dos povos cristãos!

As Atas dos mártires. Depois da Escritura, nada é mais digno de admiração e de respeito do que as Atas dos mártires. Se os livros santos se devem à inspiração do próprio Deus, as respostas dos mártires aos interrogatórios dos juízes lhes foram, segundo a promessa do Salvador, ditadas pelo Espírito Santo. Do ponto de vista puramente literário, apresentam o mesmo gênero de belezas que a Bíblia. A simplicidade das palavras e a eloquência das coisas formam o seu constante e sublime caráter. Diante dos senhores do mundo, armados de sofismas, de ameaças, de promessas, seguidos de longo cortejo de lictores, de procônsules, de prefeitos, de juízes, de algozes e de feras, vedes homens do povo, mulheres, crianças, pobres escravos reduzir a nada, pela simplicidade, firmeza e nitidez da sua linguagem, os sofismas dos filósofos, as perguntas capciosas dos magistrados, os discursos patéticos dos pais aflitos.

À medida que a coragem do mártir se eleva ao heroísmo, o seu caráter desdobra-se, a sua palavra cintila em traços da mais sublime eloquência. Tornando-se mais premente, o diálogo torna-se mais vivo, mais empolgante. E a grandeza da causa que se debate, e o contraste entre a força do tirano

e a fraqueza da vítima, entre a brutalidade e o furor de um, a inocência e a calma do outro, tudo isso comove até as lágrimas os corações mais frios, isto é, todo esse drama acaba por atingir a mais alta poesia. Elevação e simplicidade, unção e vigor, graça e ingenuidade, rapidez arrebatadora e pormenores tocantes: tais são as qualidades literárias que caracterizam o relato dessas lutas sem exemplo nos fastos do mundo.

Daí vem que as Atas dos mártires, como tudo o que é verdadeiramente belo no fundo e na forma, gozam do privilégio de apaixonar a própria infância e de fazer as delícias dos maiores homens dos maiores séculos. Entre mil exemplos, poderia referir o de santa Teresa; mas todo o mundo o conhece. Entre mil testemunhos, citarei apenas o do célebre José Escalígero.

> *A leitura das Atas dos mártires, diz esse douto crítico, é tão tocante que o espírito jamais pode saciar-se dela. Cada um pode tê-lo experimentado segundo o grau de sensibilidade e de inteligência de que é dotado; mas, quanto a mim, confesso que jamais li, na história eclesiástica, e com mais forte razão na história profana, coisa alguma que haja excitado no meu coração movimentos ao mesmo tempo tão extraordinários e tão violentos que, ao largar esse livro, já não me reconheço a mim mesmo.*[1]

Os santos Padres. Quase na mesma linha que a Escritura inspirada por Deus, que as respostas dos mártires ditadas pelo Espírito Santo, aparecem os Padres da Igreja. As suas obras são os mais imponentes monumentos do cristianismo e os mais belos títulos de glória do gênio do homem. Os ensinamentos, as palavras desses homens, se é que se deve dar esse nome a esses seres excepcionais que parecem elevar-se até o céu para ali contemplar a verdade, são muito menos os ensinamentos e as palavras de simples particulares do que os ensinamentos e as palavras da Igreja universal. É ali que os cristãos de todos os séculos, de todas as condições podem aprender o que se deve rejeitar, o que se deve conservar; o que se deve odiar, o que se deve amar; o que se deve evitar, o que se deve fazer, e até o que se deve admirar do ponto de vista puramente humano da poesia e da eloquência.

É, pois, com justo título que esses gênios incomparáveis, esses grandes homens, suscitados por Deus para serem ao mesmo tempo os guardiões e os intérpretes do Testamento do seu Filho, são chamados na história os espelhos da eterna luz, os órgãos do Espírito Santo, os tronos da sabedoria, os arautos do império de Deus, as colunas da religião, os vingadores da verdade, os modelos da virtude, os condutores do povo cristão, os mestres do gênero humano, os fachos da Igreja, os faróis do universo.

Mas o que se deve notar aqui é que as obras dos Padres não são apenas fontes de sabedoria divina, mas ainda tesouros de eloquência e de erudição de todo gênero. Sobre esse ponto só há uma voz no mundo verdadeiramente douto. Não há sequer os homens mais clássicos do século mais apaixonado pelos gregos e pelos romanos que não tenham pago o tributo da sua admiração aos talentos literários dos Padres da Igreja.

> *Um Padre da Igreja, um doutor da Igreja, exclama La Bruyère, que nomes! que tristeza nos seus escritos! que secura! que fria devoção! e talvez que escolástica!, dizem os que nunca os leram. Mas antes que espanto para todos os que fizeram dos Padres uma ideia tão afastada da verdade, se vissem nas suas obras mais torneio e delicadeza, mais polidez e espírito, mais riqueza de expressão e mais força de raciocínio, traços mais vivos e graças mais naturais do que se notam na maioria dos livros deste tempo, que se leem com gosto, que dão nome e vaidade aos seus autores! Que prazer amar a religião e vê-la crida, sustentada, explicada por tão belos gênios e por tão sólidos espíritos, sobretudo quando se vem a saber que, pela extensão dos conhecimentos, pelos princípios da mais pura filosofia, pela sua aplicação e desenvolvimento, pela justeza das conclusões, pela dignidade do discurso, pela beleza da moral e dos sentimentos, não há nada, por exemplo, que se possa comparar a santo Agostinho senão Platão e Cícero!*[2]

Não quero chicanear o meu autor; contudo estou bem tentado a perguntar a La Bruyère onde viu que Platão e Cícero são comparáveis a santo Agostinho pela extensão dos conhecimentos, pelos princípios da mais pura filosofia, pela beleza da moral e dos sentimentos. Deus perdoe a Renascença, de que se vê aqui transparecer a influência funesta sobre os mais sólidos espíritos.

Dessas considerações gerais sobre o mérito literário dos nossos clássicos cristãos, passemos a algumas observações de pormenor.

Faremos notar primeiro que o número dos autores é muito restrito. A experiência demonstra que o meio de aprender uma língua não é estudar muitos livros; é estudar um bom, mas estudá-lo a fundo, de tal modo que o pensamento do autor e a forma do seu pensamento voltem naturalmente e sem esforço ao espírito quando é preciso pensar, escrever ou falar. Como em toda parte, aqui se verifica o adágio: *Timeo doctorem unius libri* — temo o homem de um só livro. Depois, os nossos clássicos, já tão pouco numerosos, reduzem-se quase à unidade; pois, depois de terem servido ao estudo da língua latina, servem ainda ao estudo da língua grega. Comprazemo-nos em pensar que ninguém duvida da imensa vantagem que daí resulta. De um lado, a criança acha ali grande facilidade para aprender o grego; pois está de antemão em relação com os autores de quem já conhece todos os pensamentos; de outro, é como impossível que não conserve os ensinamentos que lhe são dados, sob formas diferentes, durante todo o curso dos seus estudos.

Enfim, os livros indicados como assunto de leitura latina e grega trarão, se se julgar útil, toda a variedade desejável ao trabalho da criança. Ao mesmo tempo que lhe farão conhecer a maneira dos diferentes autores, forçá-la-ão a adquirir um conhecimento sério das letras gregas e latinas.

Eis o nosso pensamento: Desejamos que se aplainem o mais possível as dificuldades que se encontram no caminho do aluno; que se o livre do labor tão longo, tão fastidioso e quase sempre tão ingrato e por vezes tão perigoso de folhear dicionários. Basta, para isso, dar-lhe de viva voz seja o sentido preciso de uma palavra, seja a explicação de uma coisa que procuraria longamente sem esperança segura de achá-la ele mesmo. Nada parece mais conforme à marcha da

Providência no estudo das línguas, nem mais eficaz para nele fazer rápidos progressos, preservando-o do duplo flagelo do desgosto e do tédio.

Contudo, como seria de recear que semelhante método tornasse a inteligência preguiçosa, evita-se esse perigo fazendo a criança fazer leituras gregas e latinas, de cuja compreensão fica sozinha encarregada e de que é obrigada a prestar contas.

Acrescentaremos ainda, tão necessário nos parece hoje cristianizar a educação, que é preciso ensinar cristãmente até os autores pagãos. Eis o meio de consegui-lo. Em vez de dá-los, como só se fez com demasiada frequência desde a Renascença, por modelos acabados de virtudes reais, é preciso ter o cuidado de fazer notar a imperfeição da sua sabedoria, da sua força, da sua prudência, da sua temperança, das suas intenções e dos seus sentimentos, comparando todas essas coisas aos ensinamentos da fé. Suponho, por exemplo, que se explique o tratado *De Amicitia* , de Cícero. Para fazer ressaltar a inferioridade da amizade natural, ler-se-ão os preceitos de caridade tais como expostos no catecismo do concílio de Trento, ou então mostrar-se-ão os verdadeiros caracteres dessa virtude explicando o capítulo décimo terceiro de são Paulo, na primeira aos Coríntios.

Do mesmo modo, que vantagens para o aluno se, à leitura dos *Comentários* de César, se junta a explicação das guerras santas de Josué, de Davi e dos Macabeus! De um lado, a criança vê tanto a justiça que deve presidir à guerra como a Providência e a força do braço de Deus; de outro, os erros dos grandes capitães do paganismo que, por uma vã glória ou um vil interesse, se julgavam no direito de puxar da espada e levar a desolação por todo o universo. Que sábios, que santificantes paralelos a estabelecer entre os heróis da Grécia e de Roma e os grandes imperadores, os grandes capitães cristãos: Teodósio, Carlos Magno, são Luís, santo Estêvão da Hungria, Vasco da Gama, Albuquerque e muitos outros!

Enfim, a superioridade do cristianismo ressaltará por si mesma se o professor tiver o cuidado, quando encontrar um sentimento ou um princípio errôneo num autor pagão, de prová-lo na pedra de toque do Evangelho. Assim, quando Cícero se louva a si mesmo, ou quando os prodigaliza aos outros, é preciso mostrar que esse louvor é falso, indigno de uma alma cristã, que deve procurar por recompensa, não a lisonja, mas a vida eterna, e depor todas as suas coroas aos pés d'Aquele de quem vem todo dom perfeito. Assim ainda, quando Cícero, nos *Ofícios*, diz que ninguém deve vingar-se a menos que seja provocado ou tenha recebido uma injúria, que magnífico campo aberto ao professor para mostrar a superioridade da lei cristã e para desdobrar aos olhos da infância os grandes ensinamentos do Calvário!

Eis quanto ao fundo. Que direi da forma? Fazendo admirar a frase numerosa de Cícero, o mestre terá o cuidado de dizer que toda essa abundância de palavras, toda essa pompa asiática, além de estar longe de convir a todos os assuntos, é muitas vezes indigna do cristão, que sabe que a eloquência se acha muito mais nas coisas do que nas palavras, e que a palavra foi dada ao homem não para atrair-lhe vãos louvores, mas para servir à glória de Deus e à vantagem do próximo.

Esse simples apanhado nos parece bastar para fazer compreender o que entendemos pelo ensino cristão dos autores profanos.

Permita-se-nos pôr aqui uma observação de alta importância. Não é somente sobre os alunos que os clássicos cristãos são de natureza a exercer a mais salutar influência, é ainda sobre os mestres. Quase sempre ecos dos dois mundos, os autores cristãos, e em particular as Atas dos Mártires, abrem diante dos professores um imenso horizonte; fornecem-lhes assim o meio natural de desenvolver todos os seus tesouros de erudição cristã e pagã, ou obrigam-nos a fazer ampla provisão deles, a fim de poderem satisfazer às explicações tornadas necessárias seja pelo texto mesmo da obra, seja pelas perguntas dos alunos. Por grande que seja, essa vantagem contudo é apenas secundária. Enquanto o estudo contínuo dos autores pagãos resseca o coração e por vezes o corrompe, falseia o juízo, altera o gosto e torna o homem incompleto, o estudo dos autores cristãos nutre o coração e o santifica, forma o juízo, purifica o gosto, torna o homem prático e faz dele necessariamente um ser útil à sociedade.

Digamos, para terminar, que o estudo das línguas vivas, tornando-se cada vez mais geral e parecendo-nos entrar nos conselhos da Providência sobre os tempos atuais, cremos prestar um verdadeiro serviço, ousamos dizer à Europa inteira, fazendo dos nossos clássicos latinos e gregos clássicos franceses, ingleses, alemães, italianos e espanhóis. Traduzidos em todas essas línguas, não somente lhes facilitam o estudo; mas ainda alimentam toda a juventude da Europa do mesmo pensamento, dessedentam-na da mesma água, nutrem-na do mesmo pão, vivificam-na no mesmo batismo. Ora, esse pensamento é eminentemente belo, eminentemente social, pois é eminentemente cristão. Ou não resta nenhum meio de reconduzir a Europa a essa forte unidade de fé que durante dez séculos lhe valeu o poder, a paz, a glória; a esses princípios tutelares de obediência e de abnegação sem os quais nenhuma sociedade é possível; ou cumpre convir que o meio proposto é o único verdadeiramente eficaz. Seja posto em obra franca e universalmente, e logo é o fim do socialismo, do comunismo e de todos esses formidáveis erros que ameaçam reconduzir-nos ao caos. Tereis tornado cristã a educação; e a educação, não o esqueçais, é a sociedade, é o futuro: pois é o homem inteiro aquém e além do túmulo.

FIM.

Notas

[1] *Annot. ad Euseb.*, *Hist. Eccles.* [Anotações a Eusébio, *História eclesiástica*].

[2] *Caractères* [Os caracteres], t. I, *Des esprits forts* [Dos espíritos fortes], p. 453.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:59 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:59 by Admin